

A Geopolítica do pensamento do Sul

Dalcy da Silva Cruz¹

Rodrigo Viana Sales²

Resumo

O presente trabalho realiza uma crítica ao projeto civilizatório da *Modernidade*, de caráter essencialmente eurocêntrico, o qual deixou profundas máculas na cultura da América Latina, bem como, nos demais territórios de antigas colônias europeias. Com isto, sugerimos a efetivação de uma nova política de civilização que possibilite construir de forma coletiva, “saberes e fazeres” que procuram novos caminhos e novas formas de pensar e agir na contemporaneidade, a qual chamamos de Pensamento do Sul. Esse pensamento busca um exercício dialógico entre os saberes do Sul e Norte, com isso, sugere outras formas de pensar e construir a realidade social, cultural, econômica, ambiental para a humanidade e para o nosso planeta.

Palavras-chave: Pensamento do Sul; América Latina; Modernidade.

Introdução

Tentando interpretar a temática do II Simpósio Internacional Geopolítica e Diplomacia, o texto reflete sobre o “Atlântico Sul: *mare nostrum* livre das potências do Norte”, partindo de notas de leitura sobre os mais recentes diálogos a respeito de “um pensamento do sul” como uma proposta “para uma nova política de civilização”. O material produzido sobre o evento promovido pelo Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional (SESC), Rio de Janeiro, realizado em março de 2011, serviu-nos de apoio. Os Anais do encontro estão substanciados em 36 textos discutidos de novembro de 2010 a janeiro de 2011 em encontros e oficinas, subdivididos em três temas compreendendo: pensamento econômico; questões sociais e pobreza; a reforma da educação e a unidade humana; e a diversidade cultural. Além das discussões do próprio encontro, realizadas intensamente, estas foram sistematizados provisoriamente na referida publicação.

¹Doutora em Educação (UFRN) e Pós-doutora em Filosofia (Universidade Nova de Lisboa). Professora associada da UFRN, integrante do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação e do Grupo de Estudos da Complexidade. dalcruz@bol.com.br

²Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Contato: rocsociais@hotmail.com

Essas discussões se constituíram em uma proposta com perspectiva de construir de forma coletiva “saberes e fazeres” que procuram novos caminhos e novas formas de pensar e agir na contemporaneidade, questões que dizem respeito aos países que no passado foram considerados à margem do progresso apregoado pelo projeto civilizatório da modernidade.

O pensamento do Sul

Na história da colonização das Américas portuguesa e espanhola, em suas relações intercontinentais, a diplomacia foi pouco praticada. De forma geral, as colônias da América Latina têm em comum, em seu passado, as máculas da exploração, da violência, das imposições de paradigmas eurocêntricos e disseminação da submissão que vêm gerando condições pouco satisfatórias e, de certa forma, constrangedoras.

Essas máculas foram fortemente inseridas no seio das culturas latino-americanas através de sua história nos projetos de colonização e na reprodução simbólica da inferioridade de seus nativos, o que vem ainda ocorrendo na atualidade, inquietando sua população e intelectuais acadêmicos ou da tradição, que procuram desde então, saídas para os impasses daí resultantes.

Se Vesentini estava correto ao afirmar que a geopolítica diz respeito “as disputas de poder no espaço mundial”, podemos afirmar que a relação geopolítica entre os países ibéricos e suas colônias, foi essencialmente caracterizada pelo antagonismo entre os espíritos de mando e submissão, pelo etnocentrismo europeu e profunda assimetria entre as suas inter-relações.

O projeto de colonização europeu para a América Latina foi um sucesso do ponto de vista do pensamento emanado das metrópoles, pois, mesmo após a independência das colônias a autoestima do seu povo ficou fortemente abalada, e estes procuravam a civilização, o conhecimento, a moral e os valores ideais no Velho Mundo, concomitantemente, desvalorizando as suas próprias potencialidades e relegando-as ao esquecimento, pois, a colonização não se restringiu ao território e alcançou os imaginários sociais.

Com isso, queremos lembrar que a “dialética da integração cultural” (aqui no sentido antropológico), sobre América Latina, tem se constituído de uma preocupação que envolve instituições nacionais e internacionais, universidades, intelectuais, estudantes, livros e revistas do mundo inteiro desde tempos idos, cujo objetivo sempre foi inspirar um

pensamento que desse conta da diversidade/unidade dessa parte do planeta (CRUZ; LIMA e SALES, 2011).

Essa preocupação, a princípio, pareceu incomodar pouco aos intelectuais brasileiros. No entanto, a medida em que se busca pesquisar mais sobre o assunto, descobre-se que a temática tem ocupado um bom espaço dos estudos aqui realizados. Como ilustração, poderíamos lembrar que desde o início do século XX, o pensador brasileiro Manoel Bonfim já se ocupava em refletir sobre o continente com um dos seus escritos que marcou época em 1905: AMÉRICA LATINA: *males de origem*. Nesta obra, o autor faz severas críticas ao processo de colonização portuguesa, alertando para sua negatividade conforme seu conteúdo parasitário. Nela, Manoel Bonfim (1905, n.d.) pontifica que: “Convém repetir: não há razões científicas, nem outras, que autorizem declarar um povo qualquer que ele seja, incapaz de progredir”. Este ensaísta como um grande utópico, nunca perdeu a esperança nem a sua visão de futuro:

Ser livre é, antes de tudo, escapar da escravidão que a ignorância impõe, da escravidão que em nós mesmos reside, e trazer inteligência a iluminar os atos e as vidas; Ser livre é compreender que a injustiça é um mal, e que a ordem social não deve ser a ordem exterior, prepotente, resultando de uma imposição tirânica, mas sim o acordo de todas as aspirações (BOMFIM, 1933, p. 334).

Mais recentemente, podemos lembrar outro pensador que já nas primeiras décadas do século XX também teve a preocupação de refletir sobre o nosso continente, mesmo porque na condição de antropólogo se voltava para a problemática latino-americana. Nos anos 1970, Darcy Ribeiro mostrava sua preocupação com a América Latina, refletia sobre uma tipologia na perspectiva de entender os regimes políticos do continente (CRUZ; LIMA e SALES, 2011). Dizia ele: “volto hoje ao tema num rápido reexame, deliberadamente provocativo, porque desejaria suscitar um debate sobre a forma, o conteúdo e a eficácia dos regimes e dos tipos de ação política que se observam entre nós” (RIBEIRO, 1977, p. 15).

Darcy Ribeiro lembra nesse estudo e em outros que os resquícios da expansão mercantilista provocada pela colonização produziram uma desagregação não só no Brasil, mas, em todo o continente, primeiro com o “ingresso de centenas de milhares de perseguidos religiosos”, mais tarde com a “exploração do tráfico negreiro”. O regime escravista possibilitou concentrar “reservas na costa africana, de transporte marítimo, de depósito, distribuição e vendas através de todas as Américas” (RIBEIRO, 1968, p. 144). A

falta de integração social se estendeu ao processo político, dificultando a definição de um caminho que levasse a uma transformação profunda do continente:

A lucidez que a esquerda é chamada a exercer, a partir de suas poucas forças e muitas fraquezas, é aquela que coloque todas as suas energias intelectuais a serviço da única tarefa espiritual importante para povos fracassados na história: a busca dos caminhos concretos de sua revolução (RIBEIRO, 1977, p. 19).

Essa preocupação e as contribuições vindas de grupos dos mais distintos credos políticos, não devem ser menosprezadas. Essa angústia não é de hoje. Sempre houve um anseio na América Latina de “conferir opiniões” para “demarcar o campo cronológica, metodológica e tematicamente”, afirma Mota (1986, p. 110). Com esse empenho originado de vários cientistas, a discussão deve ser enfrentada não como algo que reflete sobre o óbvio, mas que se caracteriza como algo inovador, apesar de se tratar de uma temática “velha em um cenário novo”.

O problema da colonização/descolonização da América Latina na contemporaneidade volta à ordem do dia, agora com a proposta de um diálogo sobre o Pensamento do Sul fundamentado na diversidade/unidade culturais. É uma reflexão que parte do processo de mundialização no Sul e no Norte (Ocidente), que tem imposto seus pressupostos aos países menos desenvolvidos. O Pensamento do Sul é uma proposta de diálogo, mas também de resistência, significando, no entanto, uma oposição complementar com o saber do Norte.

Norte e Sul, na verdade, está aqui sendo utilizado não com uma concepção geográfica, mas no sentido cultural e sociopolítico, uma vez que o Norte era chamado no passado de Ocidente, em contraposição ao Oriente. O uso do Sul enquanto categoria política passou a ser frequente quando a denominação “Terceiro Mundo” se tornou de uso corrente. Embora se considere que ainda hoje haja uma hegemonia do Norte, “que é a hegemonia da técnica, da economia, do cálculo, da racionalização, da rentabilidade e da eficiência”, essas noções continuam válidas para se entender o dinamismo do planeta, embora requeiram a preocupação da crítica e da vigilância, “porque o Norte está atualmente devorando – tentando devorar o Sul” (MORIN, 2011, p. 9). Assim, Norte e Sul, apesar de sugerir uma posição geográfica, não significa dividir o mundo em duas regiões, mas, uma nova maneira de expor:

(...)pensamentos e formas de ver e de está em um mundo no qual um determinado pensamento hegemônico, do Norte, sobrepôs seus valores, crenças e costumes a outras culturas, difundindo pelo planeta, nos aspectos econômicos, sociais, técnicos, políticos e culturais, uma lógica perversa de eficácia, consumo, lucros e um progresso que vem colocando em xeque a nossa própria existência na terra (ADÃO, 2011, p. 23).

Com isso, torna-se necessário assumir uma postura problematizadora. Problematizar o mundo; o real; nossa relação com a natureza; a razão. A partir dessa postura, temos a obrigação de restaurar o que se perdeu nos descaminhos da história: capacidade crítica; teórica; a denúncia aos dogmas e a autocrítica. Nesse cenário, fazer uma mestiçagem de culturas, desde a mediterrânea e as novas heranças africanas e latino-americanas, deve ser salutar, porém, com respeito às suas diferenças. “Desse modo, ao reunir e conjuntar todas essas heranças culturais, um Pensamento do Sul é capaz de realizar uma nova e grande problematização”. A primeira delas seria a mundialização vinda do século XV, quando as grandes navegações e a consequente conquista das Américas, a colonização e a escravidão criaram situações novas.

Esse processo, a partir de 1990, se desdobra na globalização que segue de maneira veloz, e também deve ser problematizada. Ela vem degradando e homogeneizando por meio do quadrimotor ciência, técnica, indústria e lucro, dinamizando e produzindo “novos perigos” para a humanidade como a degradação da biosfera, novos conflitos étnico-religiosos, armas nucleares, catástrofes naturais e um consumismo desenfreado.

Nesse cenário, o Planeta Terra agoniza e a preocupação com o futuro da humanidade cresce, sobretudo, em relação à América Latina. Não só os sul-americanos, mas indivíduos de todo planeta estão procurando novos caminhos para o continente e para o mundo. Com a velocidade das transformações no globo terrestre e com a:

Transformação que se observa no processo de substituição no contrato social no qual baseiam-se as comunidades nacionais, tem levado a acordos econômicos cujo principal propósito é construir um espaço comercial único em todo o planeta (SÁEZ, 1997, p. 63).

Esse panorama vem levando pesquisadores a se voltarem a análise do processo de globalização e sua expansão em “comunidades artificiais que instalam redes nos mais diversos lugares”, cujos membros são “reduzidos a categoria de símbolos sem se conhecerem entre si”, resultando na despersonalização das relações humanas e perda de identidade dos indivíduos, que fragmentam-se em múltiplas atividades, promovendo

encontros fugazes e superficiais, vivendo em um não-lugar (SÁEZ, 1997, p. 64). A rigidez ou a permanência de relações ou papéis usados nas comunidades tradicionais se esgarçam, cedendo lugar a condutas impulsionadas pelas mídias e suas ramificações:

Estamos transitando de uma era do indivíduo para uma era da pulsão pura que se direciona a satisfazer esse indivíduo frente a um objeto insubstituível, de forma que a destreza individual torna-se subsidiária em relação à programação computadorizada das condutas (SÁEZ, 1997, p. 64).

Tudo acontece conforme o desenvolvimento da economia - a indústria, a técnica e o lucro -, impulsionada pela força da mídia que incita mais e mais o consumo e o desejo de seguir as tendências da moda em diferentes pontos do planeta. A solidão e o isolamento do indivíduo vai criando mais angústia e grupos marginais e párias. Como preconiza Sabato (2008), o homem está perdendo o diálogo com os demais e o reconhecimento do mundo que o rodeia, quando é nele que se dá o encontro, a possibilidade do amor, os gestos supremos da vida.

É imprescindível, pois, lutar por uma democracia política, econômica, social, e porque não, cultural para que se restaure a paz e a solidariedade perdidas para o individualismo e a degradação do homem, do planeta, da utopia, buscando um novo caminho de beleza, de poesia e transparência. Certamente, que seria isso possível com uma resistência coletiva, “Se nos tornamos incapazes de criar um clima de beleza no pequeno mundo ao nosso redor e só atentarmos as razões do trabalho, muitas vezes desumanizado e competitivo, como poderemos resistir?” (SABATO, 2008, p. 12).

A proposta de um Pensamento do Sul “para uma nova política de civilização” sugere a necessidade dessa resistência. Como afirma Adão, é um “pensamento” que possa restaurar “a ética, a esperança, a harmonia, a solidariedade, o ‘contexto global’, o sentido do amor e da comunidade. Diante desse caos planetário, talvez seja o caminho para solucionar essas questões” (ADÃO, 2011: 24). Com isto, acreditamos que o grande desafio para um Pensamento do Sul, dos intelectuais (da academia e da tradição) e da humanidade em geral é:

(...)de criar aportes teóricos e técnicos independentes aos da formação imposta pelos grandes centros produtores de conhecimentos, mercadorias e modos de vida. É realizar uma releitura da própria história que coloque de lado os ciclos de dependência e descarte a irônica benevolência dos mandatários históricos. Empreender uma (re)valorização dos costumes e tradições locais, deslocando-as dos campos de extinção. É problematizar a fragmentação do conhecimento imposta pelo paradigma científico vigente.

É trabalhar em prol da reestruturação e recompensação dos cativos da história. É reinventar os caminhos a serem seguidos com base na superação das fragilidades adquiridas pelas ausências de voz. É dar voz e dar vez a sua própria nação, sem se perder da criticidade sobre o presente e passado, nem os sonhos de futuro. É exaltar as pluralidades entendendo a complexidade das ações humanas. É libertar o pensamento (SALES; CRUZ; COSTA e BATISTA, 2011, p. 15).

Para as situações de crise em que vive o planeta, as contribuições que foram discutidas no evento do SESC são de extrema urgência por se tratar de uma reflexão profunda sobre o diálogo proposto com o Norte. Mas, é necessário compreender que não existe um sul geográfico, mas vários “Suis” que apesar de geográfico, se constitui “como fruto de uma relação com o Norte, surgido com o fim da oposição Ocidente e Oriente, conceitos vigentes até o fim do Terceiro Mundo, que expressavam a geopolítica anterior à queda do muro de Berlim” (COUTINHO, 2011, p. 67).

Para o enfrentamento das dicotomias entre esses polos - Sul que se reorganiza e Norte que impõe - se necessita de coragem, de humildade e renunciar as “certezas” apregoadas há séculos pela ciência moderna com a hegemonia do Norte. “Certezas” que disseminam “miséria, desemprego, violência, banditismo, a morte precoce dos jovens, o sofrimento, degradando a vida social e cultural de milhões de pessoas e extermina a biosfera, caminhando perigosamente para a extinção da própria vida no planeta” (COUTINHO, 2011, p. 67).

Coragem ainda em aceitar os vários “Suis” existentes com dinâmica, inteligência, beleza, virtude, alegria, fraternidade e diversidade na unidade, sem renunciar, no entanto, aos benefícios dos paradigmas do Norte. Resistir às imposições vindas daí, mas fazer uma mestiçagem com a técnica, a indústria, a ciência, apostando em um futuro que está sendo construído. Com incertezas, com bifurcações, com desvios, mas sempre acreditando em um “novo caminho que coloque a paz, a fraternidade, a solidariedade à harmonia com a biosfera no centro do desenvolvimento” (COUTINHO, 2011, p. 69).

Na verdade, a discussão sobre o “Pensamento do Sul” é um convite a toda humanidade a refletir sobre as questões que estão postas, de forma crucial, na contemporaneidade - tanto ao nível mundial, como regional e local - objetivando encontrar vias de renovação do pensamento e das relações humanas. É uma concepção de região que abrange os conceitos geográfico, geopolítico, cultural e também simbólico. É, pois, uma concepção relativa (FALCI, 2012).

A proposta do pensamento do Sul em dialogar com o Norte de forma crítica e respeitosa, não pode esquecer o pensamento do Norte, que “supervaloriza o pensamento redutor, hiperespecializado, quantitativo e disjuntivo, incentiva exageradamente o consumo, a unificação tecnoeconômica, a mundialização” (FALCI, 2011, p. 80), além de homogeneizar, enfim, descarta a diversidade. É essa postura homogênea que deve ser enfrentada com coragem e tenacidade.

O pensamento do Sul se inspira em temas já conhecidos, degradação do homem/natureza, cegueira cognitiva, concepção de unificação, sofrimento da humanidade em diferentes pontos do Sul. Soluções já mostradas por algumas experiências inovadoras (GAMERO, 2011). No Peru e outras partes do continente, desde José Carlos Mariátegui, Eduardo Galeano, Vargas Llosa, Gabriel Garcia Marques, Jorge Borges, Agustin Cueva, Pedro Henrique Ureña, Ernesto Sabato, Pablo Neruda, Mercedes Soza, Garcia Lorca e outros que com seus escritos e músicas que falam dos seus problemas do continente. É bom lembrar de acontecimentos como o Seminário de Caracas, em 1976, para compor a Biblioteca Ayacucho, como lembra Mota (1986). De José Martí a Mário de Andrade e à Casa de Las Américas em Cuba. O Simpósio Integración Latinoamericanas: posibilidades y impedimentos, na UNAM, em julho de 1980; o Encuentro Internacional: Pensamiento y Cultura de Nuestra América, ocorrido em Quito, em maio de 1980; os livros de Darcy Ribeiro, de 1971; de Agustín Cueva, de 1977; de Florestan Fernandes, de 1981. A criação dos Cuadernos de Cultura Latinoamericano, no México, pela UNAM em 1978. “De Bolívar a Euclides da Cunha, de Martí e Che Guevara, Leopoldo Zea procura delinear o mapeamento do pensamento latino-americano” (MOTA, 1986, p. 111-119).

A reflexão sobre pensamento do Sul inclui um rol temático, conceitos de geopolítica; de dependência; de degradação do homem/natureza; do acervo cultural; e uma autonomia em relação ao seu território, suas fronteiras sua diversidade étnica, religiosa e cultural; autonomia econômica e comercial, sem esquecer a interligação e a mestiçagem que necessita estabelecer com os outros povos do planeta.

Considerações finais

Podemos dizer que uma das características do pensamento do Sul é que “ocupa o lugar simbólico dos povos colonizados e dependentes, considerados de segunda categoria, substituindo conceitos como Terceiro Mundo ou países subdesenvolvidos” (LEITE, 2011, p. 103). São aspectos que estão no cerne das discussões ocorridas há tempos. Consequências do não cumprimento das promessas trazidas pelo projeto da

modernidade, que apesar de oferecer à humanidade um conjunto de benesses, omitiu-se em muitos pontos como igualdade e justiça para todos, criando frustração e descrença no progresso.

Assim, merece lembrar que, historicamente, foi sempre o Norte que definiu o que seria melhor, não só para a América Latina, para o Sul: “com sua hegemonia política e econômica, impondo modelos culturais e referências sociais independentemente da diversidade dos povos e nações do planeta” (LEITE, 2011, p. 103). A globalização que já abrange os povos do planeta, não só em termos geográficos, mas no âmbito da economia, da técnica, da produção e do consumo, mas, sobretudo, através das mídias altamente desenvolvidas e velozes, dominando corações e mentes.

Processo cuja extensão incontrolável e abrangente vem produzindo crises aparentemente insolúveis, conceituadas como de ordem financeira, embora saibamos que alcança uma amplitude muito maior, na verdade uma crise da ocidentalização:

(...)crise da própria modernidade, já que não só a modernidade alcançada nos países da Europa ocidental e nos Estados Unidos não cumpriu as promessas de uma vida melhor, de uma vida emancipada, de uma vida harmoniosa, mas, ao contrário disso, criou um novo mal-estar na civilização (MORIN, 2011, p. 13).

Daí que, pensar o Sul, sugere que tenhamos em mente seu dinamismo cultural, economia diversificada e rica em bens materiais e culturais, diversidade étnica, fronteiras “ali onde começou o mar, quando o litoral quebra a organicidade e a dura disciplina da terra; quando descobrimos que a fronteira não é o lugar onde o mundo termina, mas aquele onde os diferentes se tocam e a partida da relação com o outro se torna difícil, arriscada, autêntica” (MALDONATO, 2011, p. 110). Essa postura requer uma humildade, uma coragem e até uma autêntica ousadia para respeitar todas as condições que mesclam o cenário latino-americano, pois “Considerar que os “suis” têm um poder e saber próprios é a condição primeira para que o diálogo possa ser estabelecido. Iguais que são sempre muito diferentes. Segunda condição para uma política de civilização: é preciso querer a diferença mais do que apenas tolerá-la ou identificá-la” (LEITE, 2011, p. 105).

Contudo, é necessária a reinvenção das relações entre as Nações, a reorganização das relações interculturais, interpessoais e entre as sociedades. Essa estratégia deve ser alicerçada no diálogo da oposição/complementaridade e na diplomacia, marcantes no Pensamento do Sul.

Para isto, se faz necessário reconstruir as motivações do paradigma imposto que hoje se mostra hegemonicamente empírico/lógico/racional, favorecendo ao desenvolvimento de uma ciência prosaica, a objetividade da técnica, a competitividade da indústria e a sobreposição do lucro acima das demandas éticas, sociais e ambientais no sistema vigente. A reorganização paradigmática contar com os benefícios da estrutura vigente, articulando-os com os atos, técnicas e saberes simbólico/mitológico/mágicos, os quais possibilitam uma ciência aberta, prosaica e poética religada aos saberes tradicionais, a subjetividade estimulada pela estrutura do pensamento mitológico e metafórico. Produção rejuntada às solidariedades mútuas e a um equilíbrio que considere eticamente as demandas socioambientais:

Os dois modos coexistem, entreajudam-se, estão em constante interações, como se tivessem uma necessidade permanente um do outro; podem por vezes confundir-se, mas sempre provisoriamente (toda a renúncia ao conhecimento empírico/técnico/racional conduziria os humanos à morte, toda a renúncia as suas crenças fundamentais desintegraria a sua sociedade) (MORIN, 1987, p.144).

O nosso desafio é encontrar um ideal homeostático entre o velho e o novo, entre o global e o local, entre “Suis” e “Nortes”.

Referências

ADÃO, Antonieta Capparelli. **A esperança vem do Sul**. In: Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011. p. 23-24,

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O Rebelde esquecido**: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1933.

CAMERO, Teresa Salinas. **Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur**. In: Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC - Departamento Nacional, 2011. p. 90-94.

COUTINHO, Jairo. **Contribuições “Para um pensamento do Sul”**. In: Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC – Departamento Nacional, 2011. p. 67-70

CRUZ, Dalcy da Silva; LIMA, Gllauco Smith de; SALES, Rodrigo Viana. **Paulo Freire**: complexidade e Pós-Colonialismo. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Internacional da ALAS, no GT “Imaginários Sociais, memórias e pós-colonialidade”, de 06 a 11 de setembro de 2011. Recife, Brasil.

FALCI, Nuremar Maria. **Contribuições “Para um pensamento do Sul”**. In: Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC – Departamento Nacional, 2011. p.79-83.

FLORESTAN, Fernandes. **Poder e contra-poder na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LEITE, Márcia Costa Rodrigues. **Algumas reflexões sobre o pensamento do Sul**. In: Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC – Departamento nacional, 2011. p.102-105.

MALDONATO, Mauro. **Rumo ao Sul**. In: Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC – Departamento Nacional, 2011. p.106-111.

MORIN, Edgar. **Para um pensamento do Sul**: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC – Departamento Nacional, 2011. p. 09-21.

_____. **O duplo pensamento**. In: O método III: O conhecimento do conhecimento. Lisboa: Europa-América, 1987.

MOTA, Carlos Guilherme. **América Latina**: em busca da memória comum. In: SBPC, v. 33, n. 1, 1986. p. 110-120.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção Perspectivas do Homem), v.44, série Antropologia.

_____. **Tipologia Política Latino-Americana**. In: Contexto, n. 2, março de 1977. p. 15-95.

SABATO, Ernesto. **A resistência**. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAÉZ, Hugo Henrique. **Lãs comunidades artificiales em la aldeã global**. México: Universidade Autônoma Metropolitana, 1977. (Departamento de Relaciones Sociales. UAM – Xochimilco).

SALES, Rodrigo Viana; CRUZ, Dalcy da Silva; COSTA, Joicy Suely Galvão da; BATISTA; Ozaias Antônio. **A universidade colonizada e colonizadora**: Perspectivas para o século XXI. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Internacional ALAS, no GT “Imaginários Sociais, memórias e pós-colonialidade 06 a 11 de setembro de 2011. Recife, Brasil.

Recebido em Abril de 2012.

Publicado em Julho de 2012.